

CORM, Georges. **La question religieuse au XXI<sup>e</sup> siècle.** Géopolitique et crise de la postmodernité. Paris: La Découverte, 2006. 215p.

(A questão religiosa no século XXI: geopolítica e crise da pós-modernidade)

João Batista Libanio\*

O autor é um libanês, economista, historiador, que fez doutorado na Sorbonne sobre a influência do pluralismo religioso nos sistemas políticos na bacia mediterrânea. Esse livro continua a pesquisa anterior e outros que ele tinha escrito. O tema do atual fenômeno religioso dispõe de vasta bibliografia sob o aspecto tanto da relevância política e social, como, naturalmente, pessoal dos indivíduos na dimensão espiritual. O livro na introdução aponta para os inúmeros sinais geográficos e culturais de tal surto. Até um insuspeito psicanalista, como J. Lacan, em conferência feita em Roma, em 1974, afirmava que a religião “trunfará não somente sobre a psicanálise, mas sobre muitas outras coisas ainda. Não se pode imaginar como a religião é poderosa”.

O A. levanta a questão de, se estamos no fim do político ou, pelo contrário, nos encontramos diante de uma política que manipula o religioso para esconder-se, semear o terror. Seria, então, nova forma de ideologia mais perniciosa do que as que foram declaradas mortas. Ou talvez o renascimento religioso tenha a ver com a queda dos antigos sistemas totalitários, ditaduras de idéias nacionalistas e laicas. O neoconservadorismo ideológico americano seria o “novo humanismo” do século XXI, que restitui os valores perdidos da autoridade e da tradição. Contra ele se ergueria o mundo islâmico para solapá-lo.

A tese central do livro consiste em mostrar que o neoconservadorismo (americano) de moda, sob as diversas variantes anglo-saxônicas ou européias, solicita o retorno do religioso, não como dimensão humana, mas como reli-

---

\* Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma; professor de Teologia Fundamental no Programa de Pós-graduação da FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte); membro do Núcleo de Estudos em Teologia da PUC Minas.

gião, com intensidade forte para fundamentar sua autoridade intelectual e legitimar a nova ordem geopolítica progressivamente executada a partir da queda da bipolaridade Leste-Oeste que governara o mundo entre 1945 e 1990.

Com a mudança do cenário depois de 1980 (Reagan 1981, João Paulo II, 1978-2005), questiona-se o patrimônio revolucionário, componente essencial do humanismo universalista. Os valores laicos da filosofia política da Ilustração se dissolveram, deixando os regimes ditos democráticos sem fundamentação. Lançam, então, mão da religião, enquanto traduz valores morais, para legitimar a globalização econômica e o humanismo americano dominante. Fundem-se liberdade, entendam econômica, e os valores religiosos do monoteísmo judaico-cristão, entendam morais. O sucesso da obra de Leo Strauss, no além-atlântico, reflete, de modo radical, os questionamentos das aquisições filosóficas e políticas da modernidade em defesa da sociedade próspera e universal contra a filosofia política moderna, julgada ideologia.

Os saberes, os conceitos, os sistemas de pensar, as cosmovisões parecem hoje em crise ou em renovação, conforme uma leitura pessimista ou otimista. Três guerras – 1ª, 2ª Guerra Mundial e a Guerra fria – solaparam os fundamentos filosóficos do mundo moderno, abrindo vazio perigoso que o pensamento dos novos conservadores busca preencher. A desilusão com as idéias progressistas é explorada por correntes filosóficas e políticas que deram vida ao tradicionalismo exacerbado; ele repercute hoje no desenvolvimento da visão imperial americana que se alimenta da guerra contra o “terrorismo internacional” na defesa da democracia e globalização econômica dos mercados. O desempenho da potência militar, científica e econômica americana, que pretende sobrelevar-se sobre os sistemas imperiais da história da humanidade, fascina e intelectuais põem-se ao serviço do “príncipe”, sendo seus legitimadores. O sucesso individual, profissional e financeiro no mundo novo, que emerge sob nossos olhos com cenários exóticos, é considerado prova adicional da natureza benfeitora da nova potência. O casamento do retorno do religioso com o mundo das proezas científicas e tecnológicas e o da globalização econômica, que os EUA encarnam, pode criar o “maravilhoso” no sentido weberiano, como nunca se viu. Os que não aceitam tal ordem são chamados: reacionários, espíritos mesquinhos, entulhos a serem varridos ou sepultados. Achaca-se-lhes a recusa da ordem nova como ajuda aos inimigos do exterior. Eis o debate a ser trabalhado no livro.

Para desenvolver a tese, procura perceber os defeitos dos cenários antigos que entraram em crise e estão a desaparecer, abrindo espaço para os novos cenários. Investiga-os nas pretensões e fraquezas, deixando em aberto se eles se realizarão e serão duráveis.

A fim de estudar a evolução do atual cenário importa esclarecer as linguagens e concepções em torno das idéias de identidade, cultura e civilização na sua relação às concepções e percepções da religião, da história, da filosofia e da organização da cidade. Cabe conhecer a relação entre modernidade e pós-modernidade com a religião, a crise da ordem internacional para decifrar as tendências ou potenciais da evolução futura.

O A. conduz a reflexão em vários atos.

Num primeiro ato, o ponto fundamental é mostrar como a religião esteve presente na tradição política do Ocidente com efeitos terríveis de violência, manipulando o político ou sendo por ele manipulada. Dá importância especialmente a dois fatos: a inquisição com a violência do controle de pensar e as guerras das religiões que ensangüentaram a Europa no final do século XVI e inícios do século XVII.

Num segundo ato, descreve o caminho político de que a Revolução francesa foi prototípica, procurando superar a intromissão da religião e advogando espírito humanista secular, cosmopolitismo, cultura republicana.

Nos terceiro e quarto atos, o A. acompanha a crise de tal universo civilizacional e suas causas e o surgimento do religioso por exigência do político. É o núcleo principal do livro. Desfaz-se o patrimônio da revolução francesa e ele é substituído por *Weltanschauung* nutrida de convicções religiosas entre os anos 80 e 90. Acontece processo corrosivo das filosofias modernas, começando em Descartes, respeito às noções de tradição, autoridade, liberdade e verdade sobre as quais se fundou a civilização ocidental. Por isso, a volta do religioso não é fenômeno natural, nem reação contra a laicidade. Antes se trata de fenômeno político maior. De religioso só tem o nome, ao invocar certa leitura literal do Antigo Testamento nos EUA. O literalismo cristão nos EUA serve de legitimação da febre imperial nova. Esta se fez urgente por causa da derrota do Vietnã e das dúvidas de geração de americanos quanto à legitimidade das ações de seu país na ordem internacional e à rigidez, ao autoritarismo dos valores tradicionais políticos e econômicos.

A criação de tal modelo mostra o jogo ideológico e o discurso perverso em curso. O A. descreve com agudeza o fascínio que tal ideologia tem provocado. É ela que explica o surto da religião. O essencialismo pós-moderno funde a liberdade (econômica como reação ao intervencionismo estatal) com a religião (como reação contra a falta de liberdade religiosa) numa síntese superior a tudo o que a humanidade conheceu até hoje. É o credo maior da doutrina americana que substitui a cultura cosmopolita da filosofia das Luzes. Põe a modernidade técnica e econômica em harmonia com o valor tradi-

cional e eterno da religião no sentido literal e conservador. Ela se torna matriz primeira, se não de identidade de base do indivíduo e da sociedade, ao menos da moral social e política, do sistema de valores que estruturam as instituições de uma civilização.

O sistema de relações internacionais substitui o sistema de estado-nações soberanos pelo multiculturalismo. Torna-se fundamento do sistema da globalização com o retorno fundamental e definitivo do primado do religioso e do econômico. Ao implantar-se um novo modelo de relacionamento entre política e religião, põe-se a pique a visão humana e política, independente da religião.

O pensamento político atual tende a justificar e teorizar a potência dominante, esquecendo a história. E não suporta nenhum pensamento crítico oposto, que, aliás, se faz escasso e combatido. Raramente a vida das idéias se emancipa das estruturas de poder, do conformismo intelectual repetitivo. Bons exemplos da exceção se deram no início do cristianismo, nas guerras de religião na Europa, no século das Luzes, cujos últimos fogos vivemos no período do após 2ª Guerra Mundial

Hoje domina a volta ao conformismo intelectual de natureza autoritária, submetido às potências do momento, máxime econômicas, que impõem visão unilateral do mundo onde se exclui todo sentido crítico. Legitima-se filosoficamente a extensão da superpotência americana num mundo que tenta restabelecer valores perdidos, em particular a autoridade das religiões reveladas judeu-cristãs e também os da livre troca econômica que acompanham necessariamente o desenvolvimento mundial da potência americana.

O A., com certo temor, vê certo paralelismo entre a defesa da civilização judeu-cristã com desprezo da vida do outro ameaçador, a saber, o adepto islâmico da 4ª Guerra Mundial, com o nazismo. Trata-se, nos dois casos, do amor a uma moral em perigo que leva a libertar-se das leis e da moral convencional, e, ao mesmo tempo, a inclinar-se por uma ordem da violência, suprimindo os símbolos da situação julgada decadente. As políticas violentas são continuação de uma crise de fundação e de legitimidade da ordem internacional que vivemos desde séculos.

O retorno ao religioso é absurdo, se se admite que a necessidade de religião e de transcendência é uma característica permanente da natureza humana, expressa de modos diversos conforme tempo e espaço. Não volta o que sempre esteve e está presente. Mas outra coisa são as religiões instituídas que reagem violentamente quanto mais ligadas estão ao poder político ou o poder político as manipula para recusar mudanças que não quer ou acelerar mudança julgada indispensável para evitar a degradação do corpo social.

Depois de 11 de setembro de 2001, o discurso político dominante retomou a estrutura da guerra fria, apesar das grandes mudanças do cenário internacional. Substitui o “império do mal” encarnado pela URSS, na expressão de R. Reagan, pelo “eixo do mal”, identificado com o terrorismo de cor islâmica, reforçando a tese do “Choque de civilizações” de S. Huntington. Concebe a história como luta perpétua entre o Bem e o Mal.

O recurso ao religioso é instrumento central de uma visão de modelo civilizacional do século XXI, forjado pelos EUA. É diferente da concepção do século XX, regido pela Europa, segundo o princípio das nacionalidades, a filosofia das Luzes, a liberação do homem/mulher de toda forma de escravidão e opressão, a autodeterminação dos povos, as lutas sociais para obter justa distribuição de renda. Aqui a religião não é matriz fundamental identitária e cultural. Põe-se a pergunta se vai durar o modelo civilizacional do século XXI, defendido pelos EUA, que recorre ao religioso como núcleo duro, marcando todas as outras sociedades.

A megaidentidade do Ocidente torna-se exclusivamente judeu-cristã, abandonando o humanismo laico e cosmopolita. Tal visão insere-se na crise das modernidades e culturas europeias. O recurso ao religioso no espaço político agrava a crise especificamente religiosa dos três monoteísmos no início do século XXI. Traduz também crise de autoridade nas sociedades monoteístas. A crise do religioso leva o poder religioso a recorrer ao poder político na esperança de deter sua própria crise e as crises que afetam a sociedade de tradição monoteísta. Portanto, a crise da modernidade política se traduz por recurso generalizado ao monoteísmo nas três vertentes, provocando no seu seio convulsões e mutações inquietantes a justificar a guerra das civilizações.

Como sair do círculo infernal em que crises políticas e religiosas estão doravante ligadas entre elas, sem que se veja saída?

Então vem o quinto ato. Acena-se para caminhos de saída na linha de ressuscitar os valores e fundamentos da concepção política da modernidade ilustrada europeia em resposta à presente dominação do pensamento único americano. O A. cita uma proposta do Primeiro ministro espanhol J. L. Zapatero de caráter extremamente humanista e cosmopolita a fim de superar o paradigma de conflito de civilizações por meio da “aliança das civilizações”.

Trata-se do cosmopolitismo ilustrado da filosofia das Luzes, tocado pelos ensaios de Kant de pensar a paz universal, que, aliás, inspiraram a fundação do que mais tarde se chamou ONU, dando-lhe base sólida e aceitável para generalizar regras de moral internacional.

A paz no planeta depende de consenso sobre um sistema de valores políticos susceptíveis de organizar as relações entre sociedades e indivíduos, entre o coletivo e o individual, entre as formas diferentes com que se vestem o poder e a autoridade num mundo em busca de estabilidade até aqui não encontrada. Aí estão questões centrais na consciência europeia de hoje, estranhas para o resto do mundo, na opinião do A.

Na vaga da globalização, que produziu multiculturalismo complexo, espera-se preservar espaços de “respiração republicana”, de civismo, de moral política, arrancados das convulsões identitárias, religiosas e étnicas. O A. propõe mudança de paradigma político e geopolítico para resistir à instrumentalização da religião e à fabricação de nacionalismos civilizacionais. Sugere mudança de vocabulário, abandonando expressões como terrorismo internacional, que soam hoje como antes se falava de subversão comunista.

Propugna que o direito internacional seja direito republicano. Que ele seja o mesmo para todos enquanto protege ou pune. Que o respeito aos direitos humanos aconteça em escala mundial. Que eles vigorem na gestão dos negócios internacionais.

Advoga por um cosmopolitismo no sentido kantiano de conhecimento e compreensão da diversidade do mundo e pelo respeito dessa diversidade fora das fronteiras nacionais. Que todos sejam cidadãos do mundo com os mesmos direitos, com a capacidade dos mesmos progressos. As diferenças de raça e nações são sem importância. Mais que um multiculturalismo do país com muitas culturas, como os EUA, importa um humanismo laico, revivificando o espírito humanista e universalista da ONU. De acordo com o Primeiro ministro Zapatero, são fundamentais a “aliança das civilizações”, o diálogo das culturas e religiões, um verdadeiro espaço de respiração republicana, reabilitando o Estado, como fonte de cidadania. Numa palavra, trata-se de refundação do mundo, de substituir o “paradigma do conhecimento dos objetos pelo do entendimento entre sujeitos capazes de falar e agir”, na expressão de J. Habermas.

Livro extremamente provocante. O A. deve muito ao lúcido pensamento de H. Arendt de que se apropria com inteligência e pertinência. Para os estudiosos da religião deixa grande alerta a defesas intempestivas da religião, como valor, quando, no fundo, acontece perigosa manipulação e provocação à violência.